

A complexidade do envelhecer e a contribuição da pesquisa para a formação do pesquisador

The complexity of aging and the contribution to the formation of the researcher

La complejidad del envejecimiento y el aporte de la investigación a la formación del investigador

Ângela Maria Bessa Linhares
Ruth Gelehrter da Costa Lopes
Evaldo Cavalcante Monteiro

RESUMO: O presente artigo visa discutir contribuições da pesquisa “Estrangeiras no Território de Vida: um estudo sobre a produção social da velhice”, na invisibilidade de quem envelhece, como ser social multidimensional ante a dominância dos discursos biomédico e do Estado. Importa aqui ver o sujeito inteiro, biopsicossocial e espiritual, inclusive na relação pesquisador e pesquisa no campo das ciências antropológicas. A metodologia foi um construto teórico-prático que instaura um dialogismo singular: o sujeito se ergue como um Outro de Si Mesmo, para melhor pensar-se. O pesquisador foi tomado como sujeito da pesquisa, em dialogia (Bakhtin, 2010), recompondo sua historicidade, examina o próprio devir social do ser que envelhece. O instrumento metodológico chave foi o Jornal da Pesquisa (Morin, 2015), que utiliza a biografia do pesquisador, como uma voz junto a outras vozes. Um Outro de si, um duplo junto à analítica do pesquisador. O texto do pesquisador se torna uma autorreflexão, em que se realiza um duplo extrato de autoralidade tanto de si quanto acadêmico.

Palavras-chave: Velhice; Metodologia; Pesquisa qualitativa; Educação; Gerontologia.

ABSTRACT: *This article aims to discuss contributions from the research “Foreigners in the Territory of Life: a study on the social production of old age”, in the invisibility of those who age, as a multidimensional social being in the face of the dominance of biomedical and State discourses. It is important here to see the whole subject, biopsychosocial and spiritual, including the relationship between researcher and research in the field of anthroposocial sciences. The methodology was a theoretical-practical construct that establishes a unique dialogism: the subject stands as an Other of himself, to better think about himself. The researcher was taken as the subject of the research, in dialogue (Bakhtin, 2010), recomposing his historicity, examining the very social becoming of the aging being. The key methodological instrument was the *Jornal da Pesquisa* (Morin, 2015), which uses the researcher's biography as a voice along with other voices. An Other of oneself, a double next to the researcher's analytics. The researcher's text becomes a self-reflection, in which a double extract of authorship is carried out both from the self and the academic.*

Keywords: *Old age; Methodology; Qualitative research; Education; Gerontology.*

RESUMEN: *Este artículo tiene como objetivo discutir contribuciones de la investigación “Extranjeros en el Territorio de la Vida: un estudio sobre la producción social de la vejez”, en la invisibilización de quien envejece, como ser social multidimensional frente al dominio de lo biomédico y discursos de estado. Es importante aquí ver el tema en su totalidad, biopsicosocial y espiritual, incluyendo la relación entre investigador e investigador en el campo de las ciencias antropológicas. La metodología fue un constructo teórico-práctico que establece un dialogismo único: el sujeto se erige como Otro de sí mismo, para pensarse mejor. El investigador fue tomado como sujeto de la investigación, en diálogo (Bakhtin, 2010), recomponiendo su historicidad, examinando el propio devenir social del ser envejecido. El instrumento metodológico clave fue el *Jornal da Pesquisa* (Morin, 2015), que utiliza la biografía del investigador como voz junto a otras voces. Un Otro de sí mismo, un doble junto a la analítica del investigador. El texto del investigador se convierte en una autorreflexión, en la que se realiza un doble extracto de autoría tanto del yo como del académico.*

Palabras clave: *Vejez; Metodología; Investigación cualitativa; Educación; Gerontología.*

Introdução

O presente trabalho objetiva ser uma contribuição para o estudo da produção social da velhice, no atual estado de invisibilidade do sujeito que envelhece, como ser social multidimensional. Focalizando o instrumento metodológico intitulado *Jornal da Pesquisa* como núcleo de nosso olhar, que se ergue no contexto da tese: “Estrangeiras no Território de Vida?: Um estudo sobre a produção social da velhice”; desse lugar estudamos o duplo que se constitui com o olhar analítico do pesquisador e a voz biográfica dele, no seio da dialogia (Bakhtin, 2010) que se instaura junto aos outros sujeitos da pesquisa.

A velhice em Beauvoir (1990) foi linha-mestra do referencial teórico adotado, uma vez que o sujeito que envelhece o faz atualmente no âmbito do capitalismo, o que nos leva a situar o envelhecimento dentro da conflitualidade do capital-trabalho, ante o devir da humanidade dos sujeitos. Outros autores, como Koltai (2000), Derrida (2003) e Birman (1995), dialogaram com Beauvoir (1990), a partir da ideia de estrangeiridade em relação à velhice. A estrangeiridade se instauraria psiquicamente como parte do mecanismo de recalque (Koltai, 2000), mas Derrida (2003) aponta seu lugar simbólico na velhice, assentando raízes na construção sociocultural dos sujeitos; nos situamos, contudo, advogando a complexidade e as múltiplas dimensões do sujeito que envelhece, que devem ser contempladas em seu dinamismo histórico-cultural.

É sabido que o ser social se insere na sociedade capitalista como apto a produzir riquezas e reproduzir-se, como também asseverava Birman (1995). E é nesse sentido que se fala comumente - e se reage a isso, como se viu na fala dos sujeitos da nossa pesquisa: “o velho é tratado como não servindo mais para a vida social porque no envelhecer se teria abstraído do trabalho e não gera mais filhos”. Observa, Rougemont (2012), que essa visão se consolidara em grande medida pela ideologia individualista que é exacerbada na acumulação capitalista.

Haveria, pois, um silenciamento social aos sujeitos que envelhecem, porquanto metonimicamente se quer situar os velhos, na sociedade, no papel de uma retaguarda, que não raro resvala para o lugar dos esquecidos. Observamos, na pesquisa que dá suporte a este artigo (Monteiro, 2017), a ativa atuação dos velhos no cuidado familiar, sobretudo para com os educandos especiais, os dependentes físicos e/ou financeiros deles (parte significativa dos adolescentes e jovens hoje são dependentes dos velhos), bem como foi destacado na conclusão da pesquisa sua ocupação intensiva junto aos netos e parentes que necessitam de apoio para acompanhá-los na infância. A extensão do tempo juvenil de dependência, nos contextos sociais de pobreza, sobretudo

devido ao desemprego e ao emprego oscilante, junto à própria exclusão social, faz com que velhos sustentem hoje seus filhos e netos durante largo tempo da vida. A pesquisa em pauta assegura que, em Fortaleza, os velhos (avô e avós) constituem mais da metade das pessoas que dão suporte financeiro e são a referência como adulto na família, dando sustentação a vários segmentos etários.

Ao contrário dessa atuação, foi observado o não reconhecimento da ação significativa dos velhos para com todo o grupo familiar e, mesmo comunitário, bem como a invisibilidade de sua atuação de ajuda. A oclusão dessa dimensão psicossocial e cultural, no que se pôde destacar, seria um forte contributo para a estrangeiridade que os sujeitos da pesquisa afirmaram vivenciar em sua velhice.

Afirmando-se sobre a base teórico-metodológica da tese, e diante desses cenários, iremos agora refletir sobre as contribuições do pesquisador ao contituir o duplo (biográfico e analítico) que se alça no *Jornal da Pesquisa*. É assim que abordamos a contribuição que teria esse recurso ao campo da pesquisa sobre a velhice, em educação, diante da invisibilidade com que se tem tratado a multidimensionalidade do sujeito que envelhece.

Decidiu-se como estratégia metodológica a Pesquisa Participante (Marconi, & Lakatos, 2005), de natureza qualitativa e a Artografia, baseada em Irwin (2013) e Dias (2013), para assegurar que a dimensão estética pudesse se tornar visível. Nessa ambiência, elegemos como procedimentos da investigação a análise documental, a entrevista, a observação participante e, evidentemente, o *Jornal da Pesquisa*. Este último, reitera-se, será o alvo deste artigo, posto que permitiria trazer o próprio escritor ou pesquisador como elemento que se imiscui, mas não se perde; ao contrário, dialoga com os demais partícipes da pesquisa, formando o duplo que chamamos biográfico-analítico, e que articula subjetividade e objetividade junto às outras vozes ou sujeitos da pesquisa.

Desdobrando os Caminhos da Pesquisa

Alumiando o caminho - o corpo teórico

Beauvoir (1990) nos alerta que lidar com a velhice não é simples, pois reduzir o olhar aos cuidados biológicos não basta. Outras dimensões, como a biopsicossocial e a espiritual além dos seus valores intrínsecos, se articulam intimamente como aspectos diversos que se influenciam em uma recursividade permanente (Morin, 2015). Ao apresentar a dimensão existencial e os condicionamentos sociais, Beauvoir afirma que “o homem não vive nunca em estado natural” e, nessa medida, o “estatuto [da velhice] é imposto pela sociedade à qual pertence” (Beauvoir, 1990,

p. 15), embora não se possa absolutizar essa impositura, porquanto sempre há resistência para os atos de reprodução das estruturas capitalistas (Linhares, 2001).

Tomando o corpo físico como lugar onde se condensam e articulam diversas dimensões do sujeito, na velhice ele não raro parece estrangeiro “em seu corpo”, o que gera reações de estranhamento e “estrangeiridade”. Como nos relatou a idosa (Monteiro, 2017, p. 95): *“Foi eu adoecer e não ter mais condição de trabalhar, que era a coisa que eu mais gostava..., era de trabalhar, conviver com as pessoas, que eu não me vi mais em mim. Eu não me via mais em mim. Minha profissão era lavar roupa, e não pude mais porque tive problemas de coração crescendo. Fui proibida pelo médico. Mas eu poderia fazer outras coisas? Ele não disse...”*.

O “*eu não me via mais em mim*” ilustra o vivido pelo sujeito com relação a seu corpo que envelhece, ao ser instado a restringir o trabalho e a convivência social que produzia de certo modo uma identidade social. Também, o discurso da medicina confere marca significativa ao envelhecer, e em que pesem os enormes valores dos avanços científicos, em seu funcionamento biomédico; socialmente houve apagamentos do olhar ao velho, reduzindo-o a seu corpo físico e seus adoecimentos. Dessa maneira, o sujeito mesmo que sinta e pense de si outra coisa, é um Outro de si que o “torna estrangeiro”, não se escuta e deixa reverberar em todos os âmbitos da vida, de modo exclusivo, o discurso que o controla.

Poder-se-ia perguntar também se a idosa escuta as outras dimensões, psicossocial e a espiritual, que também estão interagindo em sua vida e que podem trazer algum viés propositivo, mobilizador de sua inserção social. E logo vimos: a idosa escuta o “ele não disse” do médico como algo que vai tamponando perguntas e proposições que ela poderia abrir ou pôr em pauta junto ao médico e a outros sujeitos. Ainda se alinham nessas questões: no envelhecimento, o corpo parece estrangeiro por não responder de forma usual à expectativa e ao costume do sujeito que envelhece, com relação à sua potência no trabalho ou pelo fato do outro dar-lhe um lugar de limite? Havia apenas a dimensão biomédica atuando no caso?

A respeito disso, o *Jornal da Pesquisa*, expõe: “Após mais de trinta anos revisitei a casa da minha avó, que frequentei quando criança. A casa percebida como grande não mais se apresentava assim. A percepção que eu tinha ficava entre a de um corpo infantil que eu tivera – e que olhava o espaço como maior; a de um corpo adulto, que eu passara a ter e, agora, a de quem envelhecia e olhava o espaço como menor, olhava o corpo como um outro que continuava se modificando; ele mudaria como eu vira minha avó no processo de envelhecimento mudar?” (Monteiro, 2017, p. 104).

O pesquisador teria, portanto, também seus estranhamentos; e havia uma construção sociocultural evidente, que mostrava dimensões diversas interagindo, apontando um ser social que se quer ver para além de seu corpo físico. As referências do corpo físico eram um dado de realidade,

mas poder-se-ia dizer que encontramos, na pesquisa, um ser múltiplo; daí o conceito de velhice como multidimensional. Decorre, assim, a necessidade de os estudos sobre velhice serem multirreferenciados (Ardoino, 1998), uma vez que se tem também, para além da representação corporal, uma construção psicossocial e espiritual que se define de forma multifacetada. Antes não era assim.

Vimos de dizer, também com Rougemont (2012) que o predomínio do saber médico e da luta pelos direitos sociais, sobretudo previdenciários, no caso da velhice, evidenciam também duas ordens de reflexões que se conflitam, ora se alinham: o discurso científico e o do Estado, caracterizadamente previdenciário. Já o aspecto jurídico da velhice se apoia, sobretudo, na linha imaginária, mas cronologicamente estabelecida e fixada na Política Nacional do Idoso, lei n.º 8.842 de 4 de janeiro de 1994. Vejam-se os termos: “...quem tem cinquenta e nove anos e trezentos e sessenta e quatro dias de existência não é velho. Um dia a mais se cruza, de forma irreversível a fronteira; quem tem sessenta anos e mais anos torna-se velho e um estrangeiro?” (Monteiro, 2017, p. 108).

Assim também o sujeito pesquisador se incluía no registro da pesquisa – com sua multidimensionalidade, que seu corpo estrangeiro em seu Si Mesmo reclamava. E o *Jornal da Pesquisa* expunha esse lugar de conflitualidade como nervo vivo na pesquisa. Expresso na textualidade desse material de registro, nele se atravessaria a fronteira imaginária da memória, mas que se definia, em uma instância concreta, junto ao texto plural dos outros sujeitos da pesquisa. E afirmar-se nesse lugar biográfico não significaria deixar o lugar de autor no texto analítico da pesquisa.

Por meio dos discursos plurais, onde se imiscuía o do próprio sujeito pesquisador que, como um duplo das outras vozes, se mostrava no *Jornal da Pesquisa*, advinha a pergunta: como familiarizar-se ou reflexionar sobre o estrangeiro que eu sentia viver em mim, ou como lidar com minha estrangeiridade que se ergue ao lado do envelhecimento?

“A proximidade com a avó materna, que eu tivera, é que me permitia, na pesquisa, atravessar essas noites de abalos, com as velhas com quem convivia. E essa proximidade que agora eu revivia com outros, que não minha avó, é que me mobilizava, eu via, para o que me era familiar no estranho e que, então, ficava próximo novamente. (...)” (*Jornal da Pesquisa*) (Monteiro, 2017, p. 107). A alteridade vista no discurso do outro suspendia a reflexão em um lugar que também seria o do sujeito biografado na pesquisa que constituía um duplo com o pesquisador? Uma alteridade constitutiva do olhar pesquisador no *Jornal da Pesquisa* se desvelava – e perceber isso, para além do movimento de estranhamento dos sujeitos que se entreolhavam, era um aspecto metodológico

fundamental no desvelar da não neutralidade do pesquisador. Também, na tentativa de tornar visível o duplo que era instaurado nessa epistemologia da pergunta, de abordagem qualitativa.

Via-se, então, que o fio analítico da reflexão sobre a estrangeiridade do corpo que envelhece era dado, às vezes, pela voz do sujeito do Jornal da Pesquisa, que aprendia com a alteridade, e com sua própria multidimensionalidade, outra coisa. Valorava o campo dialógico que se aprofundava, onde as vozes do Outro reverberavam e se reconheciam em sua procura de si, crítica, permitindo ver-se ver melhor como sujeito em sua biografização.

Além deste aspecto, poderíamos afirmar que, no correr da pesquisa, atentou-se também para o fato de haver um estrangeiro em nós, que conviveria conosco no aparelho psíquico, o inconsciente, e este (des)conhecimento interior também se descortinava. Havia uma remessa nesse nível, que no texto do Jornal da Pesquisa se poderia ler.

Na verdade, o estrangeiro não seria completamente estranho – seria um *estranho conhecido*, afirmaria Koltai (2000); a ambivalência, que teria parte com o inconsciente, derivaria de um recalçamento da experiência infantil de estranhamento. Mas não só. Deve-se lembrar que, no desenvolvimento infantil, o nascituro, após a fase inicial de um eu indiferenciado, vai simbolizando seu corpo. Sabe-se, mais tarde, que a criança com pouco menos de um ano, com cerca de oito a nove meses, aproximadamente, apresenta a reação de medo diante do rosto desconhecido. Assinala-se nesse momento justamente que a criança já teria a noção de si mesma como diferente do outro e construída a abstrata noção de objeto permanente; no medo ante o desconhecido, o infante realiza essa distinção simbólica.

O processo de estranhamento ante o diferente, que estaria acontecendo na fase do envelhecer, em uma palavra, a *estrangeiridade* do sujeito antes suas complexas transformações, reclama um sentido mais largo sobre o que lhe acontece. E as ciências antropológicas não podem recuar ante essa procura de nomeação e sentido. Se anteriormente existira algo internamente sem uma representação, doravante se denominaria de estrangeiro o que não se (re)conhece, mas que se busca encontrar em meio a esse campo de procuras que passa a adquirir uma configuração de labirinto. Poderíamos dizer ser um labirinto esse espaço de procuras, que já continha algumas representações, tecidas no próprio movimento de tentar dar sentido e de se nomear o que parecia estranho, indecifrado ou elidido.

O temor ao estrangeiro, em Derrida (2003), ocorreria do fato de que ele traria a ameaça de um parricídio. Contudo, para matar o pai, simbolicamente, se teria que ter e ser da família. A filiação de estarmos irmanados pela condição humana operaria, no caso, se pensamos o pai no registro simbólico como instituindo a lei, o não incesto e a cultura – enfim, o estrangeiro resultava

por referir-se à condição humana de simbolizar e ao modo como o registro do simbólico opera na espécie.

O estrangeiro e diferente poderia instigar a construção de outra lei, a que cria a cultura, que estaria posta antes da nossa existência e perduraria no correr da vida. Na instância da cultura, estaríamos imersos, com certeza, e o simbólico nesse campo se situa. Mas então que lei a velhice está pondo em questão, quando examina seu corpo como estrangeiro? - pergunta-se no *Jornal da Pesquisa*. Que dimensões estão sendo elididas, invisibilizadas no envelhecimento? E essa pergunta ecoa no contexto analítico da tese e na escritura do duplo que se ergue no *Jornal da Pesquisa*, e que joga com as representações em derrapagens.

Pensado mais largo, a velhice denunciaria ainda o ideário de um padrão social de corpo não desejável, que se contrasta com o do jovem, produtor de trabalho social formal e reprodutor – e aí também o velho é excluído das representações consideradas inclusivas, como os conflitos narrados pelos sujeitos da pesquisa colocaram. Ficando de fora do trabalho formal de trabalho, o grupo parental, em particular, passa a lidar de modo conflituado com essas representações sobre o valor do velho como Outro. E é então que tanto se precisa do que o sujeito que envelhece pode dar-lhes, como na prática se lhe desautoriza como sujeito de saber. O próprio saber médico o destitui como capaz de saber de si, advogando mais e mais espaços de controle da vida social e nas potências do sujeito na velhice. A partir desta exclusão poderíamos pensar a estrangeiridade do sujeito que envelhece também como a instância do princípio de realidade, que o sujeito velho quer alijar porque o desautoriza ao saber sobre Si Mesmo.

Nos textos do *Jornal da Pesquisa* e nas falas dos outros sujeitos da pesquisa, viu-se que os velhos continuavam contribuindo socialmente, comumente, com um trabalho de valor, porém quase invisível no exercício do papel de retaguarda do grupo parental, embora fosse quem os “bancasse” como disse um sujeito da pesquisa. Viu-se, pois, na pesquisa, como era preponderante o cuidado dos velhos para com os outros de sua história de vida. Assim é que massivamente compareciam nas pesquisas, junto aos filhos e netos, aos parentes e vizinhos, sobretudo cuidando e apoiando os doentes e dependentes, as crianças e outros sujeitos com limites especiais; era nesse desvelo que a velhice se punha em campo social, além do imprescindível auxílio financeiro a todos estes. A fala das idosas ratificou as estatísticas, no Ceará, que apontavam para o fato de que 63% de idosos estarem na condição de pessoa de referência na família, ou seja, eles próprios eram os chefes de família (Costa, 2010). Aí tem-se outra problemática, que se vincula à da velhice: a necessidade social de se auxiliar as juventudes a produzirem um projeto de futuro, como filhos que são da classe trabalhadora. Para que os avós sejam avós e não pais.

Paradoxalmente, um número significativo de idosas, apesar disso, vivia situação de grande desvalorização de si e mesmo maus-tratos, físicos e psíquicos. Observou-se que uma vez que a velhice se insere no tempo do pós-trabalho formal, o valor subjetivo do trabalho do sujeito muda, pois objetivamente ele apresenta-se diferente, quando o velho está fora do mercado formal.

Assim é que o olhar social aos velhos se viu dependente de representações do mundo formal do trabalho, do qual o sujeito, em certo sentido, estaria fora na velhice; e esse desvalor tem perdurado, mesmo com a crescente contribuição dos idosos, em especial no sentido financeiro e dos cuidados (físicos e afetivos) para com os que não trabalham e permanecem no lar. Esta dimensão analítico-sistêmica que medra na pesquisa se corporificou também no texto do *Jornal da Pesquisa*, que expôs um lado memorialista do pesquisador, capaz de abrir novos campos de diálogo e, pois, de conhecimento.

Dos Caminhos teórico-metodológicos

A pesquisa realizada para a consecução da tese atendeu a interesses biopsicossociais e espirituais, com acento ao subjetivo, sem abandonar o acento político, porquanto é complexo o olhar que se deve ao processo de envelhecimento como temática imprescindível para o entendimento das necessidades específicas do segmento. A relevância social e científica dos estudos na área se deve, em parte, ao aumento dessa faixa etária. As projeções sinalizam para um peso maior no futuro, quando se estima chegar aos trinta e quatro (34) milhões de brasileiros acima de sessenta (60) anos em 2020 (Minayo, & Coimbra Jr., 2002).

De outra parte, toda a questão humana tem sua validade em ciências e avulta em importância o fato de que os velhos assumem de fato lugar-chave na dinâmica familiar hoje, embora se perceba as invisibilidades dadas a suas vozes e a seu trabalho em particular no ambiente parental, na velhice de outra natureza. Dentro disso, medra o aspecto de registro de intervenções, de um certo lugar, que o *Jornal da Pesquisa* também pôde fazer. É que se viu que a pesquisa, sendo de natureza qualitativa, atentava para o acento biográfico com a intenção de que a compreensão teórica do assunto, através de fala, descrição e análise-interpretativa dos fenômenos observados, em sua complexidade, pudesse vir a gerar intervenções significativas nas realidades estudadas. Isso ocorreu. As participações em lutas nacionais, dos sujeitos da pesquisa, ao longo desta, como também das falas do pesquisador no *Jornal da Pesquisa*, que narraram essas experiências, puderam contribuir para uma melhor definição da leitura das políticas públicas no setor. É que o *Jornal da Pesquisa*, ao trazer as falas e a memória dos atos sociais feitos durante a pesquisa, pôde somar aspectos de intervenção, cuja dimensão político-social é patente, feitas também nesse lugar de registro

biográfico em curso, do sujeito pesquisador. Isso nos leva a propor que se houver intervenção, parece-nos que, quanto mais acentuada esta for, maior a possibilidade de serem lidos os registros biográficos e reflexivos expostos no *Jornal da Pesquisa*.

Como o recorte teórico-metodológico da pesquisa incluiu intervenções não previstas, tanto em jornadas de lutas por políticas públicas, como em uma espécie de censo institucional, realizado durante a pesquisa e incorporado a ela, a exposição do próprio movimento memorialista fez-se indicador também de dados e análises nesse aspecto de intervenção. O sujeito biográfico, quando dessas inserções sociais geradas no processo pesquisador, que geraram atos de fala e significação, observou-se que se dizia de certo lugar crítico, no *Jornal da Pesquisa*, e isso foi de inegável valor.

Vale historiar algo desse percurso feito. Certamente considerou-se, no traçado teórico-metodológico exposto, a indicação de Minayo e Coimbra Jr. (2002), que sugere, ao tratar-se da pesquisa com velhos, ouvir-se a lógica interna desse grupo societário. Por que o pesquisador, ao percorrer uma intervenção na pesquisa e no momento histórico desta, não seria também um sujeito, a registrar seu movimento biográfico junto a outras vozes plurais, que se cruzavam, registradas por meio de instrumentos como o *Jornal da Pesquisa*?

A Pesquisa Participante, como a preceituam Brandão e Borges (2007, p. 53), em nossa pesquisa, de fato se viu como modelo de investigação social de tessituras diversas. É que a pesquisa participante conversa com a pesquisa-ação e a pesquisa colaborativa, cada uma com seus diversos desdobramentos, mas conferindo elementos para nossa visada. Apesar das várias denominações, os autores chegaram a um conjunto de princípios norteadores da Pesquisa Participante, dos quais destacamos três: 1) “elas pretendem ser instrumentos pedagógicos e dialógicos de aprendizado partilhado” (Brandão, & Borges, 2007, p. 57); 2) seriam realizadas com o propósito de mudança social mediante a convergência da investigação, educação e ação; e 3) nela, a relação entre investigador e investigado seria mais horizontal, ou seja, sujeito – sujeito.

Decorreu, pois, do ajuste destes fatores a escolha da metodologia para este trabalho, a Pesquisa Participante, o que não nos deixou de levar, contudo, a uma estratégia de ação que guardaria uma certa inspiração clarkeana, que o acento na Artografia pôde assegurar. Para comportar essa ênfase estética que a Artografia chama a si, tentou-se preservar algo do que o sujeito da pesquisa vivera na exposição de Lygia Clark, junto ao universo sensível dos sujeitos que estavam a envelhecer na unidade do serviço público onde a pesquisa se situava. A interação vivida na exposição da Lygia Clark, com seus artefatos estéticos e registrada no *Jornal da Pesquisa*, seria importante para a forma como se pensou a micro-estética do cotidiano, no trabalho com os velhos da pesquisa. Como não trazer esse âmbito memorialista se ele compunha e, mesmo, conduzia a dimensão estética que se buscou?

A Artografia articulária na pesquisa a via da educação pela arte. Sua palavra (artografia), de origem inglesa, traz o A, que significa artista; o R, que significa pesquisador; o T, que significa professor (em inglês) e a palavra *grafia*, que então se lhe acrescenta, significando escrita ou representação (Irwin, 2013). Nessa medida, unindo educação e pesquisa com ênfase estética é que a Artografia, por ser pesquisa qualitativa, centra-se na descrição de processos e de falas de cunho estético-expressivo, que podem ser acompanhadas de outros modos de manifestação de imagens produzidas pelos sujeitos pesquisados.

Buscando um enlace com a existencialidade – esta vívida expressão dos sujeitos que articula arte e vida cotidiana –, proposta pela Artografia, na intervenção feita por meio da pesquisa trabalhou-se com um momento que se nomeou de pré-expressivo. A manifesta expressividade dos sujeitos, então, por não envolver o domínio de uma modalidade artística, de antemão, instalava-se em um campo inicial que se poderia dizer vincular-se a uma espécie de microestética do cotidiano, em sua embriogênese. Assim, não se seguiu uma expressão artística mais ligada a uma linguagem da arte e seu domínio.

Ao realizar uma intervenção calcada na expressividade, de inspiração de base clarkeana, junto às idosas, portanto, pretendia-se auscultar seus campos expressivos, geradores de construções novas – e também aí o sujeito pesquisador poderia aprender a fazer comportar seus percursos significantes. Nos dois âmbitos de expansão – o da expressividade e do autoconhecimento – tem-se a autoria, esse partear a si mesmo, recriando-se, como uma referência significativa no seio da pesquisa – e o *Jornal da Pesquisa* indicou e explorou esse lugar.

A análise documental fez um contraponto precioso com o *Jornal da Pesquisa* e as falas dos sujeitos nas entrevistas. Consistindo na leitura, análise e compreensão de registro, escrito ou de outra forma (Marconi, & Lakatos, 2005), a análise documental se fez necessária – desde as fichas de cadastramento dos idosos, que permitiram delinear o perfil sociodemográfico dos idosos atendidos – e iluminou questões vivas no âmbito do bairro, que eram esclarecidas mediante falas e apontamentos feitos por meio do *Jornal da Pesquisa*.

É mister anotar, ainda, alguns elementos que chamaríamos de ordem operacional, para situar em contexto a parte teórica da metodologia. O local da pesquisa foi uma unidade da Secretaria do Trabalho e Desenvolvimento Social que presta atendimento grupal a idosos. Este grupo existe há mais de trinta e um (31) anos. Os participantes da pesquisa: na etapa I, foi o grupo como um todo o sujeito coletivo com o qual realizamos um estudo exploratório, com observação participante e entrevistas, no período de abril a junho de 2016 e não se fizera necessário estabelecer critérios de participação; na etapa II, fixou-se o número de nove idosas participantes do atendimento grupal na referida unidade. Na etapa II, na qual se realizou a intervenção no período de maio a setembro de

2016, os critérios para participação, inclusão e exclusão, foram observados. Inclusão: 1) ser mulher; 2) estar inscrita no Serviço; 3) ter sessenta anos ou mais; 4) desejar participar da pesquisa; 5) morar no bairro onde está instalado o serviço ou bairro circunvizinho. Exclusão: 1) homens; 2) idade não inferior a sessenta anos; 3) não estar inscrito e participando do Serviço. Para evitar algum obstáculo com relação a configurar-se o grupo da área de psicologia ou de educação física, tipos de grupos de idosos comuns nos trabalhos com a velhice, pediu-se também, como critério de exclusão: 4) se autodeclarar incapaz; ter osteoporose grave e/ou fazer uso de antipsicótico. Buscava-se, assim, observar os princípios éticos da pesquisa fixados no projeto que foi encaminhado ao Comitê de Ética da Universidade Federal do Ceará e submetido à análise sob o número: 1.520.306. Tendo recebido o parecer como aprovado, destacamos que todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Vale ressaltar, outrossim, que a entrevista escolhida foi a não-estruturada, uma vez que haveria um roteiro no qual o entrevistador teria liberdade de acrescentar outras perguntas para aprofundar questões. Desse modo, escolheu-se a entrevista não-dirigida por seu grau de liberdade, quando sujeitos diversos poderiam expor seus pensamentos e sentimentos, o que era acrescido aos outros registros do *Jornal de Pesquisa*, que então servia de campo potente para contextualizar diálogos travados em um e outro lugar – pois lembremos que as entrevistas ocorriam na fase I individualmente e, na fase II, em grupo.

A observação participante, por sua vez, sendo instrumento que grafava aspectos imagéticos e não apenas falados, era outro contraponto com o *Jornal da Pesquisa* que resultou válido. Servindo de fundo, ao modo da pintura moderna, a observação participante levava o pesquisador, como o pintor, às vezes, a comparecer no campo investigativo, que se desenvolvia também no *Jornal da Pesquisa*, que era crivado por sensações físicas e emocionais, cognitivas e ético-morais, que se articulavam para trazer à situação investigada algo semelhante ao fato social total, de Mauss (2003), em que o longe fica mais próximo de si. Talvez este tipo de estudo seja aquele que mais aproxima pesquisador e pesquisa, ou dos sujeitos e local da pesquisa, que então se funde com ele, para apreender as múltiplas facetas de um construto biográfico e, pois, do ser social que envelhece. Aprender pelos sentidos aguçados na experimentação, e pelo que esta evoca em si mesmo, dá maiores elementos para inquirir acerca do que se investiga e que, ao ser revisto e revivido no âmbito do Si mesmo, explicitado no *Jornal da Pesquisa*, confere maior complexidade ao contexto analítico.

O *Jornal da Pesquisa*, então, possui inserções que o pesquisador se autoriza incluí-las no corpo do trabalho científico. No item 2.1 deste trabalho, foram trazidos vários trechos que, pela sua presença, estilo e propósito, ratificam as assertivas anteriores que mostram o trabalho vivo (Merhy, 2002) do pesquisador. Este elemento permitiu-nos, pois, ter uma visão amplificada da realidade,

haja vista que a subjetividade do investigador não subjaz inteiramente oculta, mas desvela-se, ao contrário, na medida em que as experiências de vida, memórias, autorreflexões e emoções são expressas no *Jornal da Pesquisa*, evidenciam o imbricamento do pesquisador e sujeitos pesquisados no próprio corpo do campo empírico e sua reflexividade. Seriam andaimes, cacos, tentativas de articulações, também, ensaios expressivos o que no *Jornal da Pesquisa* se expunha, como um nervo vivo:

JP [*Jornal da Pesquisa*] é a possibilidade do registro de nossos “andaimes” de percurso. Os andaimes, conforme o autor são os cacos, nossas fraquezas, nossas imperfeições, nossos medos, mas, tratando-se de nossa formação, principalmente para nossos próprios sentidos, esses cacos e amontoados também (Veloso, & Bonilla, 2017, p. 53).

As autoras trazem os andaimes como metáfora que enfatizaria ainda mais os aspectos subjetivos e os bastidores do drama social que implicam o pesquisador na investigação por ele realizada, acentuando o fato destes aspectos serem indissociáveis das observações participantes. Desse modo é que o *Jornal da Pesquisa*: “Auxilia o pesquisador a adquirir um ‘sentir multirreferencial’” (Veloso, & Bonilla, 2017, p. 53), possibilitando um trabalho efetivo com a subjetividade do pesquisador.

As anotações do *Jornal da Pesquisa*, vimos que nos ajudam que a pesquisa seja vista por inteiro, em suas potencialidades e dificuldades, a partir da subjetividade do pesquisador – mas articulada com o duplo que cria, junto aos outros sujeitos da pesquisa. As notas do *Jornal da Pesquisa* incluíam, como pudemos ver, situações cotidianas vividas pelo pesquisador, junto a ilações feitas no campo e na reflexão da pesquisa, alcançando discutir circunstâncias outras que envolviam e afetavam a pesquisa. Olhe-se:

Lygia Clark e Hélio Oiticica me foram apresentados por Luiz Gonzaga, um colega terapeuta ocupacional pernambucano, professor da UFPE. Mestre de tantos ensinamentos, assumiu responsabilidades, entre outras, pela reflexão coletiva sobre a apresentação da abordagem psicodinâmica na nossa profissão. Desde então, busco Hélio Oiticica e Lygia Clark, por várias vezes os encontrando nas Bienais de São Paulo, no MAM do Rio de Janeiro; no Centro de Exposição Permanente de Hélio Oiticica, no Rio de Janeiro; na UNIFOR, Fortaleza e no MoMA de Nova Iorque. Observo que de minha parte sempre ao ver obras desses artistas sinto um espanto em que se misturam ludicidade e reflexão; parece que criatividade e sonho

se fundem e fascinam. Ficam-me continuamente as indagações: como chegaram a estas proposições artísticas? Como chegaram a estes *insights*? Parece haver em mim um recôndito desejo desta envergadura criativa, mas o correspondente medo de me perder em labirintos desconhecidos. Mas em que isso alimentava minha estranheiridade contra (agora o meu) envelhecer?” (Jornal da Pesquisa)

A Observação Participante trazia o ver estético para o compreender da pesquisa. Ora, como na prática da pesquisa a Observação Participante foi sucedida pelo Jornal da Pesquisa, os dois se fusionavam enquanto procedimentos da pesquisa que se constituía por meio desse estado de imersão vivido no campo, com propósito investigativo. O registro pessoal do Jornal da Pesquisa, ao aproximar o vivido do pesquisador, mediante dimensões postas em cena, como o afeto e a cognição, acessou filigranas, detalhes, nuances e sutilezas da ordem da existencialidade, como instiga a artografia. A observação implicava em acionar o conjunto dos órgãos dos sentidos que, ao serem pensados, tornavam-se sensibilidade, a nos levar ao universo estético. Dessa maneira se buscou registrar ao máximo as impressões dadas que, posteriormente, poderiam ser compreendidas, ou melhor, interpretadas, atribuindo-lhes significado analítico preciso.

O Jornal da Pesquisa possibilitou, pode-se dizer, que estas impressões e percepções estéticas pudessem estar com sua potência elevada, posto que haveria uma disponibilidade interna no pesquisador para realizar contrapontos junto aos outros velhos investigados. Adensava-se o que os velhos vivenciavam com novos lugares de deslocamento do olhar, possibilitados pelo lugar de não neutralidade e de participação político-estética do pesquisador. Nesse sentido, a Observação Participante junto ao Jornal da Pesquisa foi trazendo uma observação que se coadunou com a interatividade do pesquisador com as pessoas e seu modo de estar no campo de investigação. Veja-se:

“Nesse dia estava um pouco atrasado, pois tive que ajustar com a cuidadora acerca dos cuidados [devidos] com a minha mãe. Em função disso enquanto me dirigia ao local da pesquisa rodava um filme na minha cabeça. A realização do doutorado havia sido postergada por dez anos em função da descoberta da Alzheimer de minha mãe, fato ocorrido na reta final do mestrado. Curioso como vida tem caminhos sinuosos, mas que parecia chegar ou está chegando a um bom termo, será? Bem, já local da pesquisa eu me via circulando sem saber exatamente o direcionamento a tomar. Contudo, julgo ser este fato usual nos primeiros contatos. Não significa dizer que seja uma posição fácil. É se deixar com o fluxo do pensamento mais aberto até encontrar o prumo. Espero que sim. Neste dia

encontrei os idosos dançando, e, como já conhecia alguns do momento do cadastro, aproveitei e saí cumprimentando-os. Participei da dança. Percebi que havia outros que conhecia de momentos pretéritos quando coordenei grupos de idosos. Havia vários idosos do antigo local de trabalho [onde atuara como coordenador de grupo de idosos]. A partir deste fato o estranhamento vai se dirimindo, e eu me sentindo mais à vontade. Dançar era atuar? Olha o fio que me pegara. Ou eu o alcançara?”. (Jornal da pesquisa).

O trecho acima reforçaria a observação como elemento precedente à interação. Percebe-se que, quando se entrou no campo da pesquisa, o duplo estranhamento-familiaridade tomou espaço. Havia a necessidade da familiaridade para interagir, e, por outro lado, se a interação iria levar à familiaridade, em algum momento, ela seria vivida de um modo ambíguo: não era meu lugar de dançar, ali; e naquela dança eu era em certo sentido estrangeiro: um pesquisador em campo. Por esses contrapontos se diria que a análise aproveitava o Jornal da Pesquisa e os sinais que dispunha para seguir com esse duplo.

Cartografando a prática da pesquisa, quando dos registros das intervenções, vale sublinhar que procurava-se fazer o registro o mais breve possível, logo quando acabava a ação pesquisadora. No registro adotamos cores diferentes para cada situação, e assim o notamos no Jornal da Pesquisa. Entendíamos que o trabalho posterior seria facilitado. Assim, o preto era usado para registro das observações em geral, azul para expressão afetiva e ou aquilo que sentíamos, o verde era para questionamentos e o vermelho sinalizava coisas que julgávamos dever aprofundar. Às vezes se acrescentava algo, fosse observação, um dado novo que havia sido lembrado ou posto como indagação. Queria-se alcançar certa fratura de hábitos e desmontar as cisões dos campos multirreferenciados. Anotava-se em lilás.

O que apreendíamos no campo era registrado no Jornal da Pesquisa, no âmbito de uma espécie de singularização do caminho desejante do pesquisador (Kirst, & Fonseca, 2003). Assim, além de conter aspectos objetivos, também suportava a subjetividade, memória e história que, então, cartografavam percursos, enlaçando territórios: o da vida fora e dentro do momento da pesquisa. Barbosa e Barbosa, (2008) entendiam que a complexidade da Abordagem Multirreferencial implicaria, necessariamente o Jornal da Pesquisa em função da natureza múltipla dessa abordagem.

Veloso e Bonilla (2017), em sua metáfora dos “nossos ‘andaimes’ de percurso”, indicavam o valor de nosso registro processual. Pensamos que se poderia tomá-los como um dispositivo capaz de possibilitar seguir para os diversos lados das construções da pesquisa, funcionando como andaime sustentador da sequência necessariamente mutante do trabalho.

Veja-se que é comum certa dificuldade de o exame analítico ser realizado de modo processual, na pesquisa – o costume de se analisar resultados, advindo das abordagens quantitativas, ainda impregna a epistemologia qualitativa. Contudo, se algo nos fugia nesse sentido, o *Jornal da Pesquisa* no trazia de volta aos andaimes.

Entendemos, diante da explicação, que o andaime teria dupla função: uma, seria a estrutura interna de sustentação da edificação que, pondo um sobre o outro levaria a obra para a frente, na sucessão de seus passos; a outra, seria uma estrutura externa que, se parecia sobreposta, era íntima e permitia adentrar-se em diversos espaços da obra.

Como essa dupla função se expande com o *Jornal da Pesquisa*? Ora, ao percorrer seu ambiente interno, como sujeito memorialista, o pesquisador utiliza a subjetividade da sua história de vida e a atualiza, como um escrutínio do olhar subjetivo. Desse modo, a objetividade reflexiva ficava calçada pelo mundo interno do pesquisador, que chamava, quando em fuga, o universo subjetivo dos outros sujeitos da pesquisa.

Considerações finais

Ao pensar a velhice em nossa pesquisa “Estrangeiras no Território de Vida? - Um estudo sobre a produção social da velhice”, encontramos contribuições de duas ordens: teórica e metodológica. Com relação à primeira, podemos afirmar que há um trabalho velado dos idosos, cuidando de filhos e netos, sobretudo os doentes ou os dependentes, e determinando-se em cooperar na ajuda financeira a eles, embora houvesse certa desvalorização dos velhos que perdura, tolhendo o diálogo entre gerações. Isto demanda um trabalho multirreferenciado, com traço educacional marcado, no sentido de engendrar “o novo do costume”, que envolve o reconhecimento da contribuição dos velhos nos novos lugares do trabalho não formal, como na vida em comum. A desestrangeirização do corpo junto ao Si Mesmo tornaria a velhice menos ameaçadora, se fosse pensado o sujeito que envelhece em suas múltiplas dimensões.

Encontramos o valor do olhar teórico-metodológico em pesquisa antropológica, no ponto de onde se mira o *Jornal da Pesquisa*, por ser lugar onde se captura a multirreferencialidade, nesse campo do complexo, como se viu ser o estudo da velhice. Pudemos concluir com a necessidade de um olhar complexo, multirreferenciado, para se flagrar as múltiplas dimensões do sujeito que envelhece. Isso propiciaria maior potência de superação das reduções de si, que ele introjeta e que compõem o tecido social, como também o estado de invisibilidade dessas dimensões, para o sujeito e para os outros.

O Jornal da pesquisa, também, pôde lidar com um registro em que o pesquisador se coloca como memorialista, a biografia lançando em pauta saber e memória, junto da subjetividade trazida pelo registro pessoal, favorecendo uma descrição densa que, ao final, resulta no desenvolvimento da dimensão autoral. O pesquisador, ao produzir e analisar seu texto, ao modo de um meta-discurso engajado na pesquisa, junto aos outros sujeitos, realiza uma flexão que tem como resultado, além do trabalho científico escrito, um ganho interno que avulta em importância, sobretudo ao unir subjetividade e objetividade, quando carrega o aspecto da intervenção social como aprendizagem ínsita nos objetivos da pesquisa.

Referências

- Ardoino, J. (1998). Abordagem multirreferencial (plural) das situações educativas e formativas. *In: Barbosa, J. G. Multirreferencialidade nas ciências e na educação*. São Carlos: Editora da UFSCar, 24-41.
- Bakhtin, M. (2010). *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes.
- Barbosa, S. M. C., & Barbosa, J. G. (2008). Etnometodologia multirreferencial: contribuições teórico-epistemológicas para a formação do professor-pesquisador. *Educação & Linguagem*, Ano 11, 18, jul.-dez., 238-256.
- Beauvoir, S. de. (1990). *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Birman, J. (1995). Futuro de todos nós: temporalidade, memória e terceira idade na psicanálise. *In: Veras, R. (Org.). Terceira idade: um envelhecimento digno para o cidadão do futuro*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- Brandão, C. R., & Borges, M. C. (2007). A pesquisa participante: um momento da educação popular. *Rev. Ed. Popular, Uberlândia*, 6, 51-62.
- Costa, L. O. (2010). *Perfil Populacional do Ceará*. Fortaleza, CE: IPECE.
- Coutinho, C.N. (1972). *O estruturalismo e a miséria da razão*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Derrida, J., & Romane, A. (2003). *Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da hospitalidade*. São Paulo: Escuta.
- Dias, B. (2013). A/r/tografia como metodologia e pedagogia em arte: uma introdução. *In: Dias, B., & Irwim, R. L. (Orgs.). Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia*. Santa Maria, RS: Ed. UFSM.
- Fino, C. N. (2008). A etnografia enquanto método: um modo de entender as culturas (escolares) locais. *In: Escallier, C., & Veríssimo, N. (Orgs.). Educação e Cultura*. Funchal: DCE, Universidade da Madeira, 43-53. Recuperado em 22 fevereiro, 2016, de: <http://www3.uma.pt/carlosfino/publicacoes/22.pdf>.

Irwin, R. L. (2013). A/r/tografia. In: Dias, B., & Irwin, R. L. (Orgs.). *Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia*. Santa Maria: Ed. UFSM.

Joca, E. C., & Linhares, A. M. B. (2016). O Teatro do Oprimido na Saúde Mental: “Isso é mais lombreiro que o uso de drogas”. In: *Cadernos Brasileiros de Saúde Mental*, 8(18), 157-169, 2016. Recuperado de: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/cbsm/article/view/69162>. DOI: 10.5007/cbsm.v8i18.69162.

Junqueira, L. (2005). A noção de representação social na sociologia contemporânea. *Estudos de Sociologia*. Araraquara, 18/19, 145-161. Recuperado de: <file:///C:/Users/Dados/Downloads/08junqueira.pdf>.

Kirst, P. G., & Fonseca, T. M. G. (2003). *Cartografias e Devires – a construção do presente*. Porto Alegre: Editora UFGRS.

Koltai, C. (2000). *Política e psicanálise: o estrangeiro*. São Paulo: Escuta.

Linhares, A. M. B. (2001). *O Pensamento Criador ou Narratividade enquanto ato criador: processos criativos na crítica da cultura*. Tese de doutoramento. Universidade Federal do Ceará, 2001.

Mannoni, M. (1981). *O psiquiatra, seu louco e a psicanálise*. Trad.: M. A. Mattos. Rio de Janeiro: Zahar.

Marconi, M. A., & Lakatos, E. M. (2005). *Fundamentos da Metodologia Científica*. (6ª ed.). São Paulo: Atlas.

Mauss, M. (2003). *Sociologia e Antropologia*. Precedido de uma Introdução à obra de Marcel Mauss por Claude Lévi-Strauss. São Paulo: COSAC e NAIFY.

Merhy, E. (2002). *Saúde: a cartografia do trabalho vivo*. (3ª ed.). São Paulo: Hucitec.

Minayo, M. C. de S., Coimbra Jr., & Carlos E. A. (Orgs.). (2002). *Antropologia, saúde e envelhecimento*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ.

Montandon, A. (2011). Uma apologia da Humanidade: Christian Hirschfeld. In: Montandon, A. (Dir.). *O livro da Hospitalidade. Acolhida do Estrangeiro na história e nas culturas*. São Paulo: Senac.

Monteiro, E. C. (2017). *Estrangeira no território de vida?: um estudo sobre a produção social da velhice*. Tese de doutorado em Educação, Universidade Federal do Ceará. Orientação: Prof. Dra. Ângela Maria Bessa Linhares.

Monteiro, E. C. (2002). *Se o idoso não é prioridade ele também não é esquecido: a complexidade de envelhecer no Ceará*. Dissertação de mestrado em Gerontologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Orientação: Prof. Dra. Ruth Gelehrter da Costa Lopes.

Morin, E. (2015). *O pensamento complexo*. Porto Alegre: Sulinas.

Papaléo N. M. (2016). Estudo da velhice: história, definição do campo e termos básicos. *In: Freitas, E. V. F., & Py, L. (Orgs.). Tratado de Geriatria e Gerontologia*. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan.

Pereira, C. A. M. (2000). *Linguagens da Violência*. Rio de Janeiro: Rocco.

Rougemont, F. dos R. (2012). Da longevidade à velhice. *In: Primeiros Estudos*, São Paulo, 2, 12-27.

Stake, R. E. (2011). *Pesquisa qualitativa: estudo como as coisas funcionam*. Trad.: Karla Reis, Porto Alegre: Penso.

Veloso, M. M. S. A., & Bonilla, M. H. S. (2017). O Jornal de Pesquisa e o Diário de Campo como dispositivos da pesquisa-formação. *Interfaces Científicas – Educação*. Aracaju, 6(1), 47-58.

Vieira, E. B. (2004). *Manual de Gerontologia: um guia teórico-prático para profissionais, cuidadores e familiares*. Rio de Janeiro: Livraria e Editora REVINTER.

Ângela Maria Bessa Linhares - Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-1440-4407>

E-mail: angela.ciranda@hotmail.com

Ruth Gelehrter da Costa Lopes - Pós-Graduação em Gerontologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-1493-0826>

E-mail: ruthgclopes@gmail.com

Evaldo Cavalcante Monteiro - Secretaria do Trabalho e Desenvolvimento Social-CE.

LATTES iD: <http://lattes.cnpq.br/2440693328275786>

E-mail: evaldo.monteiro@stds.ce.gov.br

